

Sábado : Notícias, opinião, crónicas, guias de lazer e o melhor conteúdo multimédia

sabado.pt | Nov 30th -0001

Barrigas de aluguer

Fiquei ontem a saber que o CDS, partido onde milito e do qual sou Conselheiro Nacional, vai conceder liberdade de voto aos deputados quando forem votados os quatro projectos em discussão sobre Procriação Medicamente Assistida, vulgo barrigas de aluguer.

Como justificação para tamanha bizarria, a direcção da bancada, na pessoa do seu líder parlamentar Nuno Magalhães, emitiu uma nota, alegando que esta matéria não constava do programa eleitoral do partido e que, por este motivo, “se reconhece o direito de cada deputado fazer uma avaliação própria dos projectos de lei e agir em conformidade”.

Antes de mais, convém que se saiba do que estamos a falar. Os projectos do PSD e do PS limitam a maternidade de substituição a casais, mas os da JS (subscrito por vários deputados da bancada socialista) e do BE alargam essa possibilidade a mulheres solteiras, para além de, na proposta BE, ser igualmente permitido o acesso à Procriação Medicamente Assistida a casais homossexuais.

Sem prejuízo de cada um, na sua liberdade e em consciência, poder pensar o que lhe aprouver sobre esta e outras matérias, mais ou menos fracturantes, não tenho também dúvidas de que **o partido deve absoluta fidelidade à sua matriz personalista**. O CDS tem um Programa e apresentou-o aos Portugueses. E não é um programa qualquer, daqueles anódinos e conjunturais. É, como nele se pode ler **“um programa de valores, não é um programa de governo**. É por isso mesmo **um programa de causas**, mais do que um programa de sectores: interessa-nos definir as grandes bandeiras da direita democrática em Portugal para, depois, podermos concretizar as políticas.” O exercício da liberdade de consciência de cada um dos representantes do partido, que em regra é legítimo, não pode porém **pôr em causa o essencial da sua matriz e eliminar o que é a sua diferença específica**. **O partido deve servir a liberdade, ainda para**

mais quando está joga a consciência dos senhores deputados, mas deve assumir-se escravo da sua verdade. Não pode, por isso, e em circunstância alguma, fazer como Pilatos, lavando as suas mãos e demitindo-se de assumir uma posição firme numa matéria que não lhe é ou não devia ser indiferente, revelando-se permeável a um pragmatismo conjuntural que alguns tentam impor.

Tenho para mim que esta proposta é apenas um capítulo de uma obra mais vasta, a do experimentalismo social, que a reboque da sacralização da felicidade pessoal e da perfeição do Homem, objectivos tão queridos de quase todas as ideologias totalitárias, num passado não muito distante, levaram muitos a viver um verdadeiro inferno terrestre (não é demais recordar que também esta ideia partiu do Bloco de Esquerda, esse verdadeiro motor de progresso social).

A prudência é a maior das virtudes. Ignoramos muitas vezes este princípio, deixando-nos seduzir pelas vantagens temporárias que estas medidas aparentam trazer. Esquecem o-nos, porém, que a natureza humana é uma constante e que as verdades morais são permanentes.

Não quero admitir que os deputados do CDS farão coisa diferente do que chumbar, pelo seu voto, e em bloco, todas estas espúrias manifestações do dito experimentalismo social. Não quero, repito, acreditar nisso. Mas o próprio partido, institucionalmente e sem tibiezas, devia tomar partido, rechaçando essas iniciativas e denunciando o que elas representam. Não tenhamos ilusões quanto a esta matéria: este nim, este cautelar descompromisso, não é próprio do CDS. Quem vota no CDS, pelo menos o seu eleitorado mais fiel, fá-lo porque o CDS é um partido de valores. Porque é um Partido que não transige naquilo que é a sua matriz. O CDS, ao contrário de outros partidos, não se assume com o agremiação de tecnocratas de ocasião.

Foi esta consistência doutrinal que, durante muito tempo, distinguiu o CDS dos demais Partidos e que alguns, porventura menos informados ou mais influenciáveis por ideologias de bolso e outros ideais de pacotilha, têm vindo a pôr em causa.

Aos senhores deputados do CDS peço que façam o que devem: que rejeitem todas essas iniciativas legislativas. Aos dirigentes do CDS não me resta senão lembrar que um Partido que renuncie ao seu passado dificilmente merecerá um lugar na História.